



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

RAFAEL CORREIA SANTOS

RESPEITA MARIA DA VILA MATILDE:
O empoderamento feminino como denúncia da violência contra a mulher

Campina Grande - Paraíba

2017

RAFAEL CORREIA SANTOS

RESPEITA MARIA DA VILA MATILDE:

O empoderamento feminino como denúncia da violência contra a mulher

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale

Campina Grande - Paraíba
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Rafael Correia.
Respeita Maria da Vila Matilde: o empoderamento feminino como denúncia da violência contra a mulher [manuscrito] / Rafael Correia Santos. - 2017.
44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Mulher. 2. Empoderamento. 3. Violência. 4. Discurso feminista.

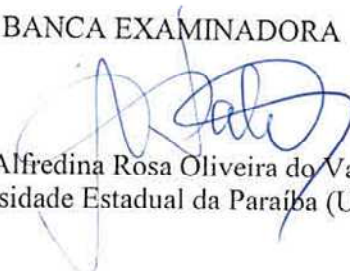
21. ed. CDD 305.4

RAFAEL CORREIA SANTOS

RESPEITA MARIA DA VILA MATILDE:
O Empoderamento Feminino Denuncia A Violência Contra A Mulher

Monografia aprovada em 13 / 12 / 2017


BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale - NOTA
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0


Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira - NOTA
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0


Prof. Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha - NOTA
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média 10,0

Campina Grande - Paraíba
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todas as mulheres da minha família, que foram os primeiros exemplos de força, determinação, coragem e superação com os quais eu tive contato. Mulheres que nutriram em mim uma admiração enorme, pois conseguiram vencer os obstáculos impostos pela vida, atingindo seus objetivos com sucesso, cada uma a sua maneira. Mulheres que não aceitaram a realidade em que estavam inseridas e disseram a si mesmas “eu quero mais, eu posso mais”. Graças a estas mulheres, eu sou o ser humano que sou hoje, pois foi vivenciando suas batalhas diárias e, principalmente, suas conquistas, que pude entender que estas batalhas e essas conquistas não eram apenas delas, mas também minhas. Foi graças a elas que senti que eu deveria e poderia, também, fazer algo, por mais simples que fosse, que pudesse contribuir para mudar a realidade ao meu redor.

Agradeço, particularmente, a minha tia Iranilda, a minha mãe Angélica, a minha avó materna Idalice e a minha tia Ildete. A minha tia Iranilda, minha segunda mãe, por ser meu porto seguro, que desde cedo me ensinou sobre respeito, amor e, sobretudo, que sempre me encorajou a seguir meus sonhos e sempre procurou me apoiar e entender, mesmo quando isso parecia ser uma tarefa impossível. A minha mãe, que mesmo com toda a distância e diferenças, sempre será uma das minhas maiores inspirações, tanto pela sua força e determinação, quanto por sua vontade de crescer e dar o seu melhor em todas as situações. A minha avó, que também me acolheu como filho, que mesmo em momentos difíceis nunca abaixou a cabeça, sempre continuou lutando para nos proporcionar o melhor, nos ensinando a dar valor a todas as nossas conquistas e também as nossas derrotas. E agradeço a minha tia Ildete, por ter me acolhido em sua casa durante todo esse percurso da graduação e também por ter me mostrado que o único obstáculo que nos distancia de nossos sonhos e da nossa liberdade somos nós mesmos.

Agradeço ao meu irmão Raul, por toda a ajuda ao longo dessa graduação, pela paciência que sempre teve comigo, por todas as folhas gastas e, também, por toda a tinta de impressão que foi usada para imprimir meus textos, trabalhos e, inclusive, essa monografia. Sem a ajuda dele, muitas das leituras que fiz não teriam sido possíveis e muitas das minhas ideias não teriam saído do papel.

Agradeço aos meus amigos, em especial a Letícia, César e a Bartira, que sempre estiveram ao meu lado, nos bons e maus momentos, e que sempre me encorajaram a buscar conhecimento, a não aceitar os limites impostos pela vida e a sempre buscar o

crescimento, tanto emocional, quanto intelectual e também como ser humano. A todos os amigos, que durante essa trajetória me ouviram reclamar tantas vezes da vida, dos obstáculos, do curso, de tantas coisas absurdas, mas que nunca me abandonaram, que nunca desistiram de mim. Agradeço-lhes por, sobretudo, me ensinar diariamente a celebrar as diferenças e a não temer o novo, nem o desconhecido.

Não posso deixar de agradecer a todos os professores que fizeram parte dessa minha jornada, que contribuíram imensamente para o meu crescimento, tanto acadêmico quanto pessoal e que sempre me desafiaram a dar o meu melhor e a vencer meus próprios limites. No entanto, alguns nomes se sobressaíram nessa minha história e, nesse primeiro momento, gostaria de agradecer particularmente à professora Karyne Soares Duarte Silveira, que sempre acreditou em mim, no meu potencial, e participou ativamente da minha evolução ao longo dessa graduação. Tantos momentos em que quis desistir, que estava sem forças para continuar, mas ela sempre conseguiu enxergar em mim uma força que, muitas vezes, nem mesmo eu sabia que existia. Devo a ela muito do profissional que sou hoje e, com certeza, levá-la-ei como exemplo por toda a minha vida.

No segundo momento, agradeço a professora Alfredina Rosa Oliveira do Vale, que hoje eu tenho o prazer de ter como orientadora, por ter me apresentado ao fantástico mundo da Linguística e por ter nutrido em mim essa paixão que hoje carrego por esta área e, principalmente, pela Análise do Discurso. Confesso que não fui fácil, que talvez minhas inseguranças algumas vezes falaram mais alto durante este caminho, mas Alfredina sempre fez questão de afirmar o quanto acreditava em mim e na minha competência. Agradeço a ela, pela paciência e o carinho que sempre teve comigo, por ter acreditado e comprado minhas ideias e, principalmente, assim como a professora Karyne e tantos outros professores que tive a oportunidade de conhecer ao longo dessa graduação, por ter contribuído significativamente para eu chegar a ser quem eu sou hoje.

Agradeço, também, às professoras Tânia Maria Augusto Pereira e Simone Dália de Gusmão Aranha, por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora desta monografia (fato que me deixou bastante feliz, pois, apesar de não ter tido a oportunidade de ter sido aluno destas mulheres, carrego uma grande admiração pelo trabalho das duas) e por todas as contribuições que ambas ofereceram para a finalização e aprimoramento deste trabalho.

E, por último, mas não menos importante, agradeço aos meus colegas de classe, que estiveram comigo durante toda esta jornada e que contribuíram para o meu crescimento e para que eu pudesse sempre questionar e repensar sobre quem eu sou como ser humano, profissional, colega e, sobretudo, como amigo. Agradeço, em especial, à Nemise, com que construí uma amizade que espero levar para o resto da minha vida, por toda a ajuda, por todas as palavras de apoio, as broncas, as brigas e por sempre tentar me ensinar a ser uma pessoa melhor e por me incentivar a vencer meus medos e superar as minhas limitações.

“Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos.”
(Autor desconhecido)

RESUMO

As letras de músicas, que por muito tempo foram prerrogativas masculinas, hoje se constituem como um meio pelo qual os princípios ideológicos que tem como materialidade o discurso feminista podem ser reproduzidos e legitimados. Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal a investigação do discurso feminista presente nas letras das músicas *Respeita* e *Maria da Vila Matilde* – a primeira, composta e interpretada por Ana Cañas, e a segunda, composta por Douglas Germano e interpretada por Elza Soares – e dos aspectos sociais evidenciados a partir da presença deste discurso. Deste modo, o nosso *corpus* de análise é constituído pelas letras destas músicas, que foram selecionadas por apresentarem diferentes perspectivas contextuais e históricas sobre empoderamento e denúncia da violência contra a mulher. Dentre os principais estudiosos utilizados para embasar teoricamente esta pesquisa estão Pinto & Pinto (2012), Orlandi (2013) e Thompson (2011), dos quais utilizamos as definições de discurso e ideologia; Bakhtin (2000) e Fiorin (2008), cujos estudos forneceram uma base para a discussão sobre dialogismo; e, por último, Alvez & Pitanguy (1985) e Miranda (2015), cujas contribuições nos permitiram apresentar uma breve contextualização sobre o Feminismo. Como resultado, concluímos que o discurso feminista que se materializa em ambas as letras analisadas se apresenta em forma de empoderamento feminino e de denúncia contra a violência que vitima um número significativo de mulheres no Brasil. Além disso, chegamos à conclusão de que a violência que afeta as mulheres está relacionada a aspectos como idade, cor da pele e *status* social.

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Empoderamento. Violência.

ABSTRACT

Although song lyrics have been a male prerogative since forever, they are beginning to represent a way through which the ideological principles that are materialized in the feminist discourse can be reproduced and legitimated. Considering this, the main objective of this research was to investigate the presence of the feminist discourse in the lyrics of the songs *Respeita* and *Maria da Vila Matilde* – the first was written and recorded by Ana Cañas, and the second was written by Douglas Germano and performed by Elza Soares – and which social aspects could be evidenced by the presence of this discourse. For that reason, the *corpus* analyzed in this research is composed by the lyrics of these songs, which were chosen for presenting different contextual and historical perspectives on female empowerment and on denunciation of violence against women. Among the main theorists that were used to theoretically base this research are Pinto & Pinto (2012), Orlandi (2013) and Thompson (2011), who contributed with the definitions to Discourse and Ideology; Bakhtin (2000) and Fiorin (2008), whose studies contributed to the discussion about dialogism; and Alves & Pitanguy (1985) and Miranda (2015), whose studies made possible to us to present a brief contextualization of Feminism. As a result, we came to the conclusion that the feminist discourse is represented in the lyrics of the already mentioned songs throughout feminine empowerment and denunciation of the violence which has affected a significant number of women in Brazil. Moreover, we concluded that the violence that affects women is related to aspects such as age, skin color and social status.

Keywords: Discourse. Woman. Empowerment. Violence.

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	20
Exemplo 2:	<i>Respeita</i>	20
Exemplo 3:	<i>Respeita</i>	23
Exemplo 4:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	23
Exemplo 5:	<i>Respeita</i>	25
Exemplo 6:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	25
Exemplo 7:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	28
Exemplo 8:	<i>Respeita</i>	29
Exemplo 9:	<i>Respeita</i>	32
Exemplo 10:	<i>Respeita</i>	33
Exemplo 11:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	33
Exemplo 12:	<i>Maria da Vila Matilde</i>	34
Exemplo 13:	<i>Respeita</i>	34

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Ana Cañas.....	25
Figura 2 –	<i>Tweet</i> de Ana Cañas.....	26
Figura 3 –	Elza Soares.....	27
Figura 4 –	Título de matéria vinculada ao jornal Justiça & Cidadania.....	30
Figura 5 –	Título de matéria vinculada ao site do jornal Agência Estado.....	31
Figura 6 –	Fantástico - Impunidade é regra em casos de abuso sexual, revela estudo.....	31

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Letra de <i>Maria da Vila Matilde</i>	42
Anexo B – Letra de <i>Respeita</i>	43

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1	METODOLOGIA DA PESQUISA	14
1.1	Natureza da Pesquisa	14
1.2	Constituição do <i>corpus</i>	14
1.3	Procedimentos de Análise	15
2	EMBASAMENTO TEÓRICO	16
2.1	Discurso e Ideologia	16
2.2	Dialogismo	17
2.3	Feminismo	19
3	EMPODERAMENTO FEMININO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ..	22
3.1	Representatividade e empoderamento	22
3.2	Ana Cañas e Elza Soares: as empoderadas	25
3.3	A violência contra a mulher no Brasil	28
3.4	Os aspectos sociais da violência contra a mulher	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39
	ANEXOS	41

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As letras das músicas, que são lançadas a todo o momento ao redor do mundo, além de serem expressões artísticas das mais diversas variedades, carregam em sua materialidade discursos que podem nos ajudar a entender não só o contexto histórico e social do qual elas fazem parte como também os conflitos ideológicos que circundaram o seu processo de produção e lançamento. Essas letras, que por muito tempo foram prerrogativas e meios de reprodução de discursos machistas e segregacionistas, hoje se constituem como um novo canal pelo qual mulheres de todos os contextos e das mais diversas etnias e classes sociais podem se auto-afirmar e, sobretudo, denunciar os diversos tipos de violência que as vitimam diariamente.

Neste sentido, uma vez que a Análise do Discurso procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2013, p. 15), a nossa pesquisa justificou-se na necessidade de mais estudos que tivessem como *corpus* letras de músicas, pois entendemos a música como uma importante expressão artística, mas também cultural, histórica, e, sobretudo, ideológica, na qual vemos a língua sendo utilizada como um instrumento de interação e também como um suporte pelo qual um sujeito pode reproduzir e efetivar as suas ideologias.

Assim sendo, a seguinte questão-problema norteou esta pesquisa: como o discurso feminista é explorado nas letras das músicas *Respeita*, composta e interpretada por Ana Cañas, e *Maria da Vila Matilde*, composta por Douglas Germano e interpretada por Elza Soares?

Partimos, então, da hipótese de que o discurso feminista presente nas letras das músicas supracitadas se manifesta em forma de empoderamento feminino e da resistência aos valores reconhecidamente machistas da sociedade, evidenciando a violência, sobretudo a física, que vitima as mulheres brasileiras em sua maioria. Desta maneira, o nosso *corpus* foi constituído pelas letras dessas duas músicas, que foram lançadas entre o período de 2015 e 2017 e apresentam diferentes perspectivas contextuais e históricas sobre empoderamento e denúncia contra a violência que vitima um número significativo de mulheres brasileiras.

Portanto, nossa pesquisa teve como objetivo principal a investigação do discurso feminista presente nas letras das músicas já mencionadas e dos aspectos sociais evidenciados a partir da presença desse discurso. E, para atingirmos esta meta, os seguintes objetivos específicos foram traçados: (1) discutir o empoderamento feminino explorado nas letras das

músicas citadas; (2) identificar a violência contra a mulher exposta nas letras destas músicas e, por fim, (3) analisar os aspectos sociais da violência contra a mulher que podem ser verificadas nestas letras.

Dentre os principais estudiosos utilizados para embasar teoricamente esta pesquisa estão Pinto & Pinto (2012), Orlandi (2013) e Thompson (2011), dos quais utilizamos as definições de discurso e ideologia; Bakhtin (2000) e Fiorin (2008), cujos estudos contribuíram para a discussão sobre dialogismo; e, por último, Alves e Pitanguy (1985) e Miranda (2015), cujas contribuições nos permitiram apresentar uma breve contextualização sobre o Feminismo.

Este trabalho está dividido em três capítulos: (1) “Metodologia Da Pesquisa”, no qual apresentamos informações acerca das escolhas e dos procedimentos metodológicos que viabilizaram a realização desse estudo; (2) “Embasamento Teórico”, em que definimos, a partir das contribuições dos teóricos supracitados, os conceitos de Discurso, Ideologia e Dialogismo que são usados nesta pesquisa e apresentamos uma contextualização do Feminismo; e, por último, (3) “Empoderamento E Violência Contra A Mulher”, no qual apresentamos as nossas reflexões que surgiram a partir da análise das relações dialógicas discursivas verificadas nas letras das músicas *Maria da Vila Matilde e Respeita*.

1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta sessão, apresentamos as informações referentes às escolhas metodológicas que viabilizaram a realização desse estudo.

Primeiramente, apresentamos a natureza desta pesquisa; logo após, oferecemos um relato sobre o caminho percorrido até chegarmos à formação final do *Corpus*; e, por último, descrevemos os procedimentos adotados para a análise do *Corpus*.

1.1 Natureza da pesquisa

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, pois ela lida com “características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente” (MOREIRA & CALEFFE, 2008, p. 73) e presta-se a investigar o discurso feminista presente nas letras das músicas *Maria da Vila Matilde* e *Respeita*.

1.2 Constituição do *corpus*

Inicialmente, nos debruçamos sobre as letras de três músicas – a saber, *Maria da Vila Matilde*, *Respeita* e *Triste, Louca ou Má* – que tinham como tema principal o empoderamento feminino. Contudo, após análise e comparação das letras das três músicas, chegamos ao nosso *corpus* final, que é constituído pela letra da música *Maria da Vila Matilde*, composta por Douglas Germano e gravada pela cantora Elza Soares, 80 anos, e a letra de *Respeita*, composta e gravada por Ana Cañas, 37 anos. A razão para termos descartado a terceira letra, a da música *Triste, Louca ou Má*, foi a de que embora as letras das três canções tratem sobre empoderamento feminino, é em *Maria da Vila Matilde* e *Respeita* que observamos o tema violência física contra a mulher sendo discutido de forma mais forte e específica. Além disso, na nossa escolha levamos em consideração as artistas responsáveis por gravar e lançar pelo fato de ambas serem mulheres de idades diferentes, advirem de classes sociais diferentes, contextos diferentes e, acima de tudo, terem histórias de vida diferentes.

Ambas as letras foram encontradas no *site* especializado em compartilhamento de letras de músicas, *Genius*. E as músicas foram disponibilizadas para *download* nas principais plataformas de audição (*YouTube*, *Spotify*, *iTunes*, *etc.*): *Maria da Vila Matilde* foi lançada em 2015 e faz parte do trigésimo quarto disco de estúdio da cantora Elza Soares, intitulado *A*

Mulher do Fim do Mundo, e *Respeita* foi lançada individualmente como música de trabalho por Ana Cañas em 2017.

1.3 Procedimento de Análise

Após selecionarmos as letras das músicas que fazem parte do *corpus* final dessa pesquisa, passamos a fazer uma análise discursiva dialógica deste *corpus* de modo que percebêssemos as relações dialógicas que podíamos verificar nestas letras. Para isto, utilizamos recortes retirados das letras de ambas as músicas para justificarmos nossas considerações. Além disso, para a realização dessa análise, que por questões metodológicas não foi realizada em um capítulo a parte, mas encontra-se diluída dentro dos capítulos 2 e 3, utilizamos os contributos teóricos advindos de estudos realizados em diversos campos teóricos e temáticos que constituem esta pesquisa. Também pesquisamos em notícias de jornais e pesquisas de censo recentes que ofereceram uma visão panorâmica sobre os índices de violência contra a mulher no Brasil.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, que por questões de organização está dividido em três sessões, apresentaremos as contribuições teóricas que dão embasamento para nossa pesquisa.

Na primeira sessão, definimos os conceitos de discurso e ideologia que são adotados nesta pesquisa a partir das contribuições teóricas de Pinto & Pinto (2012), Orlandi (2013), dentre outros. Logo após, na segunda sessão, discutimos o dialogismo discursivo e para isso trazemos as vozes de Bakhtin (2000), Fiorin (2008) e outros. E, por último, utilizamos os estudos de Alves e Pitanguy (1985) e Miranda (2015) para apresentamos uma breve contextualização sobre o Feminismo.

2.1 Discurso e Ideologia

A Análise do Discurso é uma área que tem como objeto de estudo o discurso, que, segundo Fernandes (2005, p. 20), “não é a língua, nem texto, nem a fala”, mas se encontra materializado nestes elementos linguísticos. E, ao entendermos esta condição do discurso, reconhecemos que ele “implica uma exterioridade à língua, [que] encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas”. Em outras palavras, A Análise do Discurso é uma área que tem como principal objetivo entender não somente a palavra, mas todos os elementos intra e extralinguísticos que a perpassam, levando em consideração o contexto social, histórico, o espaço de sua ocorrência e, sobretudo, os seus diversos efeitos de sentidos (PINTO & PINTO, 2012).

Orlandi (2006, p. 16) nos traz uma concepção de discurso na qual defende que é nele, no discurso, que encontramos materializada a ideologia, pois, segundo a autora “o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso”. Neste sentido, o discurso além de ser entendido como um instrumento de interação, de comunicação, também é entendido como um meio pelo qual um determinado grupo social reproduz as suas ideologias. Assim, “todo dizer é ideologicamente marcado. [Pois] é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2013, p. 34). Ideologia que, segundo a autora, é parte constituinte do sujeito e dos sentidos, de modo que o dizer passa a ser resultado da interpelação do sujeito pela ideologia.

Para Chauí (1994, p. 26), ideologia é um “sistema ordenado de idéias ou representações”, que surge a partir das relações sociais e são conservadas e reproduzidas por condições específicas. Pinto & Pinto (2012, p. 212) acrescentam que a ideologia não é

subjetiva, é o resultado de determinada prática social e funciona como um “mecanismo que produz evidências e naturaliza sentidos a partir da posição que ele ocupa”. Neste sentido, a ideologia

é um “fato” social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais (CHAUÍ, 1994, p. 13).

Thompson (2011) nos esclarece que a ideologia pode assumir conceitos diferentes, de acordo com certas circunstâncias particulares nas quais é utilizada para sustentar, ou legitimar, certas relações de poder, o que nos exige uma investigação das maneiras como o sentido é “construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até as imagens e aos textos complexos (THOMPSON, 2011, p. 16). Desta maneira, estudar a ideologia, segundo o autor, significa interessar-se por entender

em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas. [...] [Assim] a análise das formas simbólicas como ideológicas nos pede que as analisemos em relação aos contextos sócio-históricos específicos os quais elas são empregadas e persistem. (THOMPSON, 2011, p. 18)

No entanto, como afirma Orlandi (2013, p. 47), “a ideologia não é ocultação mas função da relação necessária entre linguagem e mundo”, de modo que o sentido constitui-se como produto de uma determinada relação do sujeito com a história e o contexto no qual ele está inserido. Desta forma, uma vez que a ideologia está materializada no discurso e este discurso, que se materializa na língua, está inscrito na história, sendo produto de diferentes contextos sociais e históricos, podemos entender que um discurso não pode ser considerado único, tampouco original, pois, como defendido por Brandão (1991, p.), “a produção de um discurso pressupõe um processo dialético, na medida em que outros discursos vão sendo projetados em seu interior”. E é a partir desta premissa que partimos para a discussão da próxima sessão, na qual discorreremos brevemente sobre o dialogismo discursivo.

2.2 Dialogismo

Bakhtin (1993, p. 319) afirma que todo objeto está cercado, tomado pelo discurso e, desta forma, “todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras”. Os enunciados não se apresentam de maneira independente, deslocados e,

sobretudo, não são arbitrários. Pelo contrário, estes se relacionam tanto com os enunciados que os precedem como com aqueles que os irão suceder. Nas palavras de Bakhtin,

os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 317)

Assim, podemos entender que os enunciados não têm sentido se analisados de forma isolada, pois o que lhes garante sentido é justamente o fato de eles estarem inseridos dentro de uma rede de relações que, quando ligadas, lhe atribuem significado. Além de que,

quando se analisa uma oração isolada, tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro. (BAKHTIN, 2000, p. 327)

Para Bakhtin (1993), não há relação direta entre os homens e a realidade na qual eles estão inseridos. É por meio da linguagem que os homens podem realmente ter acesso a essa realidade. Neste sentido,

o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo.” (BAKHTIN, 1993, p. 167)

Deste modo, entendemos ser o dialogismo as relações de sentido que se estabelecem entre enunciados na cadeia de comunicação verbal. Relações estas que, como acrescenta Faraco (2003, p. 66 *apud* FIORIN, 2008, p. 170) representam “tanto convergência, quanto divergência; é tanto acordo, quanto desacordo; é tanto adesão, quanto recusa; é tanto complemento, quanto embate”. Em outras palavras, as relações dialógicas que se estabelecem entre os discursos não precisam ser necessariamente relações consonantes, mas também podem ser relações conflituosas, de modo que um discurso pode tanto confirmar quanto negar o que está sendo dito em outro discurso. E isso decorre justamente pelo fato de que “nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros” (BAKHTIN, 2000, p. 314).

Assim, tendo estabelecido os conceitos de discurso, ideologia e dialogismo que são adotados para esta pesquisa, apresentamos a seguir uma breve contextualização sobre o

Feminismo. Para isso, trazemos as contribuições teóricas de Alves e Pitanguy (1985) e Miranda (2009).

2.3 Feminismo

O Movimento Feminista é um movimento que, segundo Alves & Pitanguy (1985), busca superar as formas tradicionais de organização da sociedade a partir do questionamento e recriação da identidade sexual de modo que o indivíduo possa libertar-se de modelos pré-determinados e hierarquizados. Além disso, este movimento propõe a desconstrução dos pressupostos ideológicos que determinam o que é ser “masculino” e o que é ser “feminino”, defendendo que essas qualidades devem ser atributos do ser humano em sua totalidade e não apenas qualidades atribuídas a um determinado gênero.

O feminismo, portanto, “constitui-se em um amplo espectro de discursos diversos sobre as relações de poder” (COSTA, 1998 *apud* MIRANDA, 2009, p. 6) e fundamenta-se na premissa de que o “masculino” e o “feminino” nada mais são que "criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas” (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 55). Neste sentido,

o feminismo propõe um projeto de sociedade alternativa e coloca como objetivo a abolição, ou ao menos transformação profunda, da ordem patriarcal e de seu poder regulador, em nome de princípios de igualdade, de equidade e de justiça social. Os movimentos feministas reúnem um conjunto de discursos e práticas que dão prioridade à luta das mulheres para denunciar a desigualdade de gênero. (DESCARRIES, 2002, *apud* MIRANDA, 2009, p. 3)

Além disso, alguns dos principais temas recorrentes nas discussões deste movimento são a objetificação, opressão e os diversos tipos de violências sofridas diariamente pelas mulheres, como bem esclarece Alves & Pitanguy (1985), na citação a seguir:

o movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. Propõe, principalmente, que o exercício da sexualidade se desvincule da função biológica de reprodução, exigindo dessa forma o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 60-61)

Apesar disso, como afirma Miranda (2009, p. 04), embora o número de conquistas das mulheres no mundo seja verdadeiramente significativo, garantir todos os direitos humanos a todas as mulheres ainda se constitui um desafio não só para o Brasil, mas para outros países. Neste sentido, a luta feminista é uma luta de batalhas diárias e que se manifesta em diferentes setores da nossa sociedade, seja na rua ou até mesmo dentro do ambiente familiar, e a denúncia da desvalorização da mulher tem sido uma das principais pautas de luta do feminismo no Brasil e pode ser vista sendo representada nas mais diversas expressões da nossa cultura (ALVES & PITANGUY, 1985).

Adotamos neste trabalho a concepção de discurso dada por Orlandi (2006, p. 16), na qual encontramos materializada a ideologia, que, por sua vez, foi definida, a partir das contribuições de Orlandi (2013), Chauí (1994) e Thompson (2011), como um produto das relações sociais, que se apresenta de maneira sistemática e que determina os sentidos de acordo com “as posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2013, p. 42). Além disso, entendemos que os discursos não estão isolados na cadeia comunicativa. Pelo contrário, como afirma Bakhtin (2000), os sentidos expressos nesses discursos se relacionam com os demais discursos que o precedem e com aqueles que ainda serão produzidos. E, por último, vimos que o Feminismo é um movimento de resistência e luta que busca o reconhecimento, a valorização e, acima de tudo, o respeito às mulheres.

Desta forma, ao analisarmos os exemplos 1 e 2, podemos verificar nas letras das músicas a presença do discurso feminista, pois os sentidos presentes nessas letras remetem aos princípios ideológicos defendidos pelo feminismo. Observamos nestes exemplos um sujeito que se afirma como mulher e, a partir disto, clama por respeito. Vejamos:

Exemplo 1: *Maria da Vila Matilde*

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim?
Pra cima de muá? Jamé, mané!
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Exemplo 2: *Respeita*

Você que pensa que pode dizer o que quiser
Respeita, aí!
Eu sou mulher

Além disso, os sentidos presentes no discurso feminista materializado nas letras dessas músicas dialogam tanto entre si, como com os sentidos presentes em outros enunciados que também carregam em sua materialidade as ideologias feministas. Contudo, uma vez que as relações dialógicas estabelecidas entre os sentidos não são apenas relações aditivas, mas também relações de recusa, nas quais o sentido presente em um discurso pode negar ou contrapor os sentidos presentes em outros discursos, também podemos dizer que os sentidos presentes nas letras dessas músicas dialogam com os sentidos presentes no discurso machista que pode ser encontrado materializado em outros enunciados que fazem parte da cadeia comunicativa.

Neste sentido, uma vez que identificamos a presença do discurso feminista nas letras destas músicas e verificamos que o discurso presente em ambas as letras dialogam discursivamente, no próximo capítulo continuamos, à luz das contribuições teóricas já apresentadas, com as nossas análises e reflexões advindas da análise dialógica do discurso feminista materializado no nosso objeto de análise.

3 EMPODERAMENTO FEMININO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Neste capítulo, distribuído em quatro sessões, apresentamos as nossas reflexões que surgiram a partir da análise das relações dialógicas verificadas nas letras das músicas *Maria da Vila Matilde* e *Respeita*.

Na primeira sessão, intitulada de *Representatividade e empoderamento feminino*, discorreremos acerca do empoderamento e da representatividade feminina explorados nas letras das canções *Maria da Vila Matilde* e *Respeita*. Na sessão seguinte, *Ana Cañas e Elza Soares: as empoderadas*, traçamos um perfil das intérpretes das músicas analisadas a fim de estabelecer uma relação entre o discurso presente nas letras e a identidade das suas intérpretes. Na terceira sessão, que nomeamos *A violência contra a mulher no Brasil*, exploramos a denúncia sobre a violência contra a mulher, representada nas letras das músicas citadas. E, por último, na sessão *Os aspectos sociais da violência contra a mulher*, apresentamos os aspectos sociais da violência contra a mulher que podem ser identificados no nosso *corpus* de análise.

3.1 Representatividade e empoderamento feminino

Como vimos anteriormente, a mulher encontra-se em constante luta dentro da sociedade, luta que foi evidenciada e tomou proporções mundiais com o surgimento do movimento feminista, que, em suma, busca direitos iguais entre homens e mulheres, mas que, acima de tudo, busca o respeito, o reconhecimento e a ampliação do papel da mulher na sociedade. Essa luta, como afirma Alves & Pitanguy (1985), pode ser observada sendo manifestada nas mais variadas expressões da cultura brasileira.

Blacking (2007, p. 201) afirma que a música é “um sistema modular primitivo do pensamento humano e uma parte de infra-estrutura da vida humana” e que esta “não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana”. Neste sentido, a música é uma das principais representações das mais variadas culturas, que tanto pode refletir sobre tudo que acontece ao nosso redor, quanto pode reproduzir e efetivar ideologias e, como acrescenta Lima & Sanches (2009, p. 181), ela “pode ser tomada como a alegoria que sublima a evidência de contrastes”. Além disso, Blacking (2007, p. 204) chama a atenção para o caráter histórico e social da música, “cujo significado não pode ser entendido ou analisado isoladamente dos outros eventos no sistema”, ou seja, a música assume um significado a partir da relação do seu conteúdo com o contexto histórico e social no qual ela foi produzida e inserida.

No Brasil, por exemplo, a partir dos anos 30 do século XX, a música se tornou um importante veículo de mobilidade social para as camadas populares do país, afirma Lima & Sanches (2009). E ainda que a música tenha sido por muito tempo “uma prerrogativa masculina” e tenha acentuado “a exclusão histórica das experiências musicais das mulheres” (SANCHES, p. 186-187), aos poucos esta realidade tem mudado e o universo musical tem se tornado uma das tantas expressões artísticas que auxiliam na reprodução dos princípios feministas e na construção da identidade e no empoderamento feminino.

As letras das músicas aqui analisadas constituem um exemplo de como a música tem sido utilizada para a reprodução da ideologia feminista e no fortalecimento do movimento. Observemos os exemplos 3 e 4, transcritos das letras das duas músicas:

Exemplo 3: *Respeita*

<p>Ela vai Ela vem Meu corpo, minha lei Tô por aí, mas não tô a toa</p>

Exemplo 4: *Maria da Vila Matilde*

<p>E quando tua mãe ligar Eu capricho no esculacho Digo que é mimado Que é cheio de denço Mal acostumado Tem nada no quengo Deita, vira e dorme rapidim Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim</p>
--

Os exemplos 3 e 4 evidenciam a presença do discurso feminista em ambas as letras analisadas. Vemos materializado no discurso presente nas letras destas músicas as principais reivindicações que fazem parte do movimento feminista, o qual, retomando a voz de Alves & Pitanguy (1985), não se propõe apenas a denunciar a violência física e emocional que vitima as mulheres, mas também se preocupa, sobretudo, em lutar e defender a liberdade da mulher e garantir-lhes o respeito e dignidade que por tanto tempo lhes foi privado.

No exemplo 3, identificamos um reconhecimento do poder da mulher, pelo qual ela [a mulher representada na letra] afirma sua liberdade, mas ao mesmo tempo esclarece que esta liberdade não significa que ela está desprotegida ou que ela não merece respeito. Esta mulher representada nesta letra reconhece o valor do seu corpo e determina que cabe a ela decidir o

que pode ou não pode ser feito deste corpo. Da mesma forma, no exemplo 4, temos uma mulher que reconhece o seu valor e se propõe a mudar a sua realidade. Observamos uma mulher que busca sua liberdade e para isso usa sua voz.

Além disso, a partir do diálogo que se estabelece entre o discurso presente nas letras destas duas músicas, podemos perceber que embora esteja sendo retratada a mulher que é *desrespeitada, ignorada, assediada, explorada / Mutilada, destrutada, reprimida, explorada*¹, que carrega no seu corpo as marcas da violência, o *roxo no [seu] braço*², ao mesmo tempo está sendo representada a mulher que, apesar de toda essa violência, não baixa a cabeça. A mulher que não desiste. A mulher que, mesmo depois de ter sido oprimida e calada, grita por respeito e se rebela contra essa realidade a sua volta.

Em ambas as letras, observamos mulheres que usam a sua voz para lutar por respeito, para mudar a sua realidade e a realidade de todas as mulheres. Observamos mulheres que, sobretudo, reconhecem o seu poder enquanto mulheres. Temos o que podemos chamar de mulheres empoderadas. Mulheres que, como afirma Ribeiro (2017, p. 01), são comprometidas com a luta pela igualdade e entendem que, uma vez que esta causa não diz respeito a um indivíduo de forma isolada, promovem “o fortalecimento de outras mulheres com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres” e fortalecem a discussão sobre o lugar e o papel da mulher em nossa sociedade.

E por falar em empoderamento, ainda que apenas uma das letras analisadas – a letra de *Respeita* – tenha sido composta e gravada pela mesma pessoa, entender quem são essas cantoras responsáveis por dar voz a estas letras é imprescindível para a análise discursiva que realizamos nesta pesquisa. Deste modo, na próxima sessão, apresentamos algumas informações sobre as duas intérpretes das músicas, traçando um perfil dessas duas mulheres e relacionando as suas identidades com os discursos presentes nas letras das duas músicas.

¹ Em itálico, alguns versos da letra da música *Respeita*.

² Em itálico, um verso da letra da música *Maria da Vila Matilde*.

3.2 Ana Cañas e Elza Soares: as empoderadas

Exemplo 5: *Respeita*

Digo o que sinto
Ninguém me cala

Exemplo 6: *Maria da Vila Matilde*

Pra cima de muá? Jamé, mané!

Os exemplos 5 e 6 representam perfeitamente as intérpretes das músicas *Respeita* e *Maria da Vila Matilde*. Temos duas mulheres que dizem o que sentem e não se deixam calar por uma sociedade opressora e que dia a dia tenta diminuí-las e amordaçá-las. Estamos falando aqui de Ana Cañas e de Elza Soares.

A primeira empoderada, Ana Cañas (Figura 1), nasceu em 14 de dezembro de 1980, na cidade de São Paulo. Ela cursou a faculdade de Artes Cênicas, na Universidade de São Paulo (USP).

Figura 1: Ana Canãs, foto de Carol Vianna, retirada do *site* oficial da cantora.



Fonte: Acessado em 30/10/2017

Disponível em <<http://www.anacanas.com.br/index.php/fotos/>>

Embora não tenhamos encontrado informações suficientes sobre a vida pessoal de Ana Cañas e suas origens, ainda que tenhamos realizado várias tentativas de comunicação com a

cantora, já podemos traçar seu perfil. Mulher branca, jovem, que teve acesso a uma educação superior e durante toda a sua vida teve acesso à arte e à manifestações artísticas. Nas informações sobre a vida da cantora, publicadas no *site som13*³, verificamos que ela iniciou sua carreira no teatro e apenas anos depois começou a estudar canto e piano, quando lançou a carreira de cantora. Cañas veio de uma família de classe média, sendo rodeada por diversos artistas dos quais ele teve influência. Em seus trabalhos mais recentes, a cantora e compositora tem focado as letras das suas músicas em temas como empoderamento e denúncia da violência sofrida pelas mulheres. Contudo, a cantora já falou publicamente que não gostava do termo feminismo, como podemos ver em uma publicação feita por ela, em fevereiro de 2013, na rede social *Twitter* (Figura 2).

Figura 2: Imagem retirada do *Twitter* oficial da cantora.



Fonte: Acessado em 27/10/2017

Disponível em <<https://twitter.com/anacanas/status/298843725801611264>>

A segunda empoderada, Elza da Conceição Soares⁴ (Figura 3), nasceu em 23 de junho de 1937, em uma das primeiras favelas da cidade do Rio de Janeiro, que hoje é conhecida como Vila Vintém. Ela é filha de um operário e de uma lavadeira e aos 12 anos de idade foi obrigada pelo seu pai a se casar com um homem mais velho, principalmente por questões econômicas. Elza Soares ficou viúva aos 21 anos, com cinco filhos para criar.

Aos 27 anos, no início de sua carreira como cantora, ela conheceu o jogador de futebol Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, com quem manteve um longo relacionamento. Garrincha havia acabado de sair de outro casamento e era divorciado. Por isso, Elza Soares foi bastante hostilizada pela sociedade, inclusive, sofrendo ameaças de

³ Disponível em <<https://som13.com.br/ana-canas/biografia>>

Acessado em 30/10/2017

⁴ Acessado em 01/11/2017

Disponível em <http://www.cantorasdobrasil.com.br/cantoras/elza_soares.htm>

morte – os que a perseguiram justificavam suas ações dizendo que ela havia sido culpada pelo fim do relacionamento conjugal de Garrincha. Ela foi mais uma vítima da nossa sociedade machista, que insiste em oprimir a mulher e controlar as suas escolhas.

Figura 3: Elza Soares, imagem retirada do facebook oficial da cantora.



Fonte: Acessado em 30/10/2017

Disponível em < <https://www.facebook.com/pg/elzasoaresoficial/photos/>>

Em uma entrevista para o *site HuffPost Brasil*, em novembro de 2015, no qual Elza Soares falou sobre seu último trabalho, lançado em 2015, *A Mulher do Fim do Mundo*, quando questionada se ela se considerava uma feminista, ela respondeu: “Eu não sei o que eu me considero [risos]. Eu sou mulher. Sendo feminista ou não, eu sou mulher. Mulher que grita, que briga, que busca para que aconteça o melhor. Sempre”.

No entanto, a partir das contribuições de Alves & Pitanguy (1985) e de Ribeiro (2017) sobre os princípios ideológicos do feminismo e sobre o que é empoderamento, embora Ana Cañas tenha afirmado não gostar do feminismo (Figura 2), as letras das suas músicas mais recentes são um reflexo das principais inquietações e pautas do movimento feminista.

Da mesma forma, Elza Soares pode até não se considerar uma feminista, mas ela tem sido uma representação viva das lutas e batalhas de todas as mulheres que tiveram uma vida difícil, passaram por diversas dificuldades, mas que conseguiram dar a volta por cima e se afirmar como mulher, como empoderada. Tanto Cañas quanto Elza Soares têm sido sinônimos de empoderamento, pois com as letras de suas músicas e com seus

posicionamentos na mídia e até mesmo suas batalhas pessoais, elas promovem o questionamento da realidade, a união e, sobretudo, o fortalecimento de outras mulheres.

Desta maneira, uma vez que essas mulheres, que são figuras públicas e conhecidas em todo o Brasil, passam a usar sua arte, suas vozes, como um instrumento de conscientização, lutas e transformações, elas abraçam uma inquietação, uma causa, que não pertence somente a elas. Essas mulheres passam a representar as suas realidades e as realidades de todas as mulheres a sua volta. Nas letras de suas músicas podemos encontrar as vozes de todas as mulheres oprimidas e vitimadas por uma sociedade reconhecidamente machista, o que faz com que elas se reconheçam nessas letras e compreendam que são donas da sua própria vida e que, acima de tudo, têm a força e o poder para gritar por respeito e justiça. Assim, ao ouvir essas músicas, cada mulher terá certeza de que ela não está sozinha nessa busca pelo empoderamento e nessa luta por respeito. Esta é uma luta de todas e de todos.

Até aqui verificamos a presença do discurso feminista nas letras das duas músicas supracitadas, podendo, assim, perceber que este discurso que se materializa nas letras se manifesta por meio do empoderamento e da resistência, refletindo, portanto, as ideologias desse movimento. Podemos identificar na materialidade das letras dessas músicas outra realidade que também faz parte do dia a dia de muitas mulheres brasileiras: a violência. Neste sentido, na próxima sessão, abordamos o tema violência contra a mulher, que pode ser identificado no nosso objeto de análise.

3.3 A violência contra a mulher no Brasil

Como podemos observar nos exemplos 7 e 8, em ambas as letras identificamos a presença do tema violência contra a mulher. Além de tratarem sobre o empoderamento feminino, as letras dessas músicas trazem para a discussão a violência, sobretudo física, que vitima um número considerável de mulheres no Brasil. Como defendido por Blacking (2007), para que seja atribuído um significado às letras dessas músicas é necessário que, antes de qualquer coisa, compreendamos o contexto histórico e social na qual elas foram compostas e lançadas.

Exemplo 7: *Maria da Vila Matilde*

E quando o samango chegar Eu mostro o roxo no meu braço
--

Exemplo 8: *Respeita*

Mas eu vou esclarecer Abuso

No período do lançamento da música *Respeita*, Ana Cañas revelou que se inspirou em um documentário sobre *hip hop*⁵, que explora o movimento feminista nos dias de hoje para compor a letra da música. Por outro lado, Douglas Germano, compositor de *Maria da Vila Matilde*, revelou que a história da música se passa nos anos 1970, antes da criação da lei Maria da Penha⁶. Deste modo, temos perspectivas advindas de diferentes pontos da história e de diferentes contextos sobre denúncia da violência contra a mulher. As letras das duas músicas revelam, sobretudo, uma realidade que é bastante contemporânea e, embora *Maria da Vila Matilde* retrate, como disse o próprio compositor, uma realidade de 40 anos atrás, os sentidos representados em sua letra são tão atuais quanto às inquietações presentes na letra de *Respeita*.

A título de ilustração, trazemos a pesquisa *Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil*⁷, realizada pelo instituto Datafolha, a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e lançada no dia 08 de março de 2017, data em que se comemora O Dia Internacional da Mulher, que revela que para 73% da população brasileira a violência contra a mulher aumentou nos últimos 10 anos. Essa porcentagem sobe quando os sujeitos da pesquisa são as próprias mulheres: 76% das mulheres entrevistadas atestam esse aumento da violência. Informação que foi reforçada, recentemente, em novo relatório do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), divulgado em matéria vinculada ao *site* Justiça & Cidadania, em 28 de outubro de 2017. Segundo o relatório do CNJ, o número de registros de feminicídio⁸ no Brasil cresceu significativamente no último ano, o que evidencia cada vez mais a violência sofrida pela mulher no Brasil (Figura 4).

⁵ O *hip hop* é uma cultura popular que surgiu entre as comunidades afro-americanas do subúrbio de Nova York por volta da década de 1970 e que tem com principal manifestação artística a música.

⁶ Lei federal nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

⁷ Fonte: Acessado em 08/09/2017.

Disponível em <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>>

⁸ Segundo Ortega (2016), feminicídio é “o homicídio doloso praticado contra a mulher por ‘razões da condição de sexo feminino’.”

Figura 4: Matéria vinculada ao jornal *Justiça & Cidadania* em 28/10/2017.



Números escancaram cada vez mais violência contra mulher no país

Fonte: Acessado em 30/10/2017

Disponível em <<http://justicaecidadania.odia.ig.com.br/2017-10-28/numeros-escancaram-cada-vez-mais-violencia-contramulher-no-pais.html>>

Os números apresentados no relatório da pesquisa *Visível e Invisível*, mostram que 26% das mulheres entrevistadas relatam ter sofrido algum tipo de violência nos últimos 12 meses que precederam a pesquisa e, na maioria dos casos (61%), o agressor era alguém conhecido da vítima. Além disso, os números revelam que 503 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora no país, isso apenas no ano de 2016, e que os casos mais graves de agressão são sofridos no ambiente doméstico (43%). Esta é justamente a realidade representada na letra da música interpretada por Elza Soares.

Um dos fatos que marcou a vida de Elza Soares foi o relacionamento conturbado que teve com Garrincha. Por muitos anos, ela foi vítima de agressões por parte do marido, sendo vítima de violência doméstica. O compositor de *Maria da Vila Matilde*, Douglas Germano, disse em uma entrevista para a revista *Billboard*, em 2015, época de lançamento da música, que Elza teria sido a primeira mulher que ele sabia ter sofrido violência doméstica, o que serviu de motivação para a composição da letra. Além disso, quando temos o nome *Mané* no seguinte trecho *Pra cima de muá? Jamé, mané!*, podemos relacioná-lo a Garrincha, pois *Mané* era a forma como Garrincha era conhecido. Neste sentido, além de representar a realidade de muitas mulheres brasileiras, a letra de *Maria da Vila Matilde* dialoga com a própria vida da cantora. Fato que pode ser evidenciado não apenas no tema discutido na letra da música, mas também nas escolhas linguísticas presentes na mesma.

Notícias que envolvem diferentes tipos de agressões e abusos sofridos pelas mulheres estampam os jornais e revistas e também são temas de reportagens nos mais diversos meios de comunicação, como podemos verificar na Figura 5.

Figura 5: Matéria do site do jornal Agência Estado, publicado em 29/08/2017



Fonte: Acessado em 27/10/2017

Disponível em

<https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/08/29/interna_nacional,896138/homem-ejacula-em-jovem-dentro-de-onibus-na-avenida-paulista.shtml>

Um dos casos mais recentes, que foi divulgado na mídia, foi o da violência sexual sofrida por uma mulher dentro de um transporte público, no começo de 2017, na Avenida Paulista, em São Paulo, espaço público em que um homem ejaculou no corpo de uma passageira. Este acontecimento só passou a ser discutido de forma mais calorosa pela população pelo fato de o agressor ter sido liberado dias depois e ter saído impune da acusação. Como apresentado em um levantamento encomendado pelo Programa Fantástico, da Rede Globo, em maio de 2017, a impunidade em casos como estes está longe de ser algo considerada fora da regra (Figura 6).

Figura 6: Título da matéria do Fantástico, edição do dia 03/09/2017



Fonte: Acessado em 27/10/2017

Disponível em <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/09/impunidade-e-regra-no-brasil-em-casos-de-abuso-sexual-mostra-estudo.html>>

Segundo o levantamento realizado pelo Fantástico, dos 127 casos de assédios sexuais sofridos por mulheres nos trens e no metrô da cidade de São Paulo, apenas 1 foi, de fato, considerado estupro. Segundo a matéria do Fantástico, isso se dá pelo fato de a lei brasileira considerar esses tipos de crimes como contravenções penais. Vale ressaltar que a lei em questão, diz a matéria, é datada de 1940.

Ainda na pesquisa do FBSP, citada anteriormente, observamos que, enquanto 52% das vítimas de agressão reportaram que não denunciaram os seus agressores ou não buscaram ajuda, apenas 13% das mulheres vítimas de violência buscou ajuda de familiares e, um número ainda menor, 11%, disse ter procurado uma delegacia da mulher. E, como podemos inferir a partir da análise do exemplo 9, esta é justamente a realidade que pode ser verificada no discurso materializado na letra de *Respeita*.

Exemplo 9: *Respeita*

<p>Diversão é um conceito diferente Onde todas as partes envolvidas consentem O silêncio é um grito de socorro escondido Pela alma, pelo corpo, pelo o que nunca foi dito Ninguém viu, ninguém vê, ninguém quer saber A dor é sua, a culpa não é sua Mas ninguém vai te dizer</p>

No exemplo 9, embora a violência seja algo real, que atinge um número elevado de mulheres no país, algumas das vítimas ainda se calam diante dessas situações e hesitam em buscar ajuda, seja da justiça ou até mesmo de pessoas que fazem parte do seu convívio diário. Se o número de mulheres que são vítimas de abuso e sofrem de violência é assustador, mais assustador ainda é o número de mulheres que, por razões diversas, silenciam. É bastante pequena, embora significativa, a quantidade de mulheres que encontram em si coragem de denunciar situações de abuso ou maus tratos, que têm força para *pegar o telefone e ligar para o 180*⁹.

Neste sentido, os números fortalecem o que está sendo dito em ambas as letras analisadas, pois para a mulher o simples ato de ir e vir se tornou uma luta diária por sobrevivência e o medo tem se tornado um dos sentimentos que as acompanham constantemente no dia a dia, seja na rua, no trabalho ou até mesmo dentro de casa. Nenhum lugar parece ser mais seguro.

Quando nas letras das músicas analisadas nós nos deparamos com o que está sendo dito no exemplo 10 (que esclarece que a violência que vitima as mulheres é um fato que pode acontecer a todo o momento e em qualquer lugar do mundo) e no exemplo 11 (que evidencia que a violência descrita na música *Maria da Vila Matilde* acontece em um ambiente

⁹ 180 é o número do telefone da Central de atendimento à Mulher, criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), em 2005, que serve como um canal direto de esclarecimento sobre direitos e serviços públicos para a população feminina no Brasil.

doméstico), o que percebemos é que os discursos presentes nas letras estabelecem um diálogo não somente entre si, mas com todas as notícias que circulam na mídia.

Temos representada em *Maria da Vila Matilde* uma realidade que não atingiu apenas Elza Soares ou *as mina* da letra da música de Ana Cañas. A *Maria* retratada na letra da música interpretada por Elza Soares representa todas as mulheres que são vitimadas pela violência doméstica no Brasil (inclusive, é importante salientar que *Maria* é um dos nomes femininos mais comuns no país, o que fortalece ainda mais esse diálogo, que não se estabelece apenas nas duas letras, mas em uma rede de acontecimentos que se sucedem na nossa sociedade).

Exemplo 10: *Respeita*

Violência por todo mundo
A todo minuto
Por todas nós

Exemplo 11: *Maria da Vila Matilde*

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço

A partir da análise dos exemplos apresentados, podemos afirmar que os sentidos presentes no discurso, verificado nas letras das músicas supracitadas, não estão isolados, não são únicos. Eles se relacionam com outros enunciados que já foram produzidos anteriormente e também irão se relacionar com outros que ainda poderão ser produzidos. E, como vimos anteriormente, esta relação entre sentidos é justamente o que Bakhtin (2000) define por dialogismo, pelo qual “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo” (ORLANDI, 2013, p. 39). Entendemos, portanto, que o que vemos materializado nessas letras é uma realidade do cotidiano das mulheres brasileiras, em sua maioria. Observamos que a violência, sobretudo a física, não é algo isolado, não é um acontecimento esporádico e não escolhe suas vítimas. Pelo contrário, como evidenciado nas letras dessas músicas e nos acontecimentos diários (alguns ilustrados neste trabalho), estes atos são corriqueiros, acontecem em todos os lugares do mundo e podem vitimar mulheres de todos os contextos. No entanto, o discurso verificado nas letras de *Maria da Vila Matilde* e *Respeita* nos mostra que os atos de violência contra a mulher podem ser relacionados a alguns aspectos e a contextos socioculturais bem específicos. Discorreremos mais sobre isso na próxima sessão.

3.4 Os aspectos sociais da violência contra a mulher

Até este momento, observamos a partir das relações dialógicas verificadas nas letras das músicas *Maria da Vila Matilde* e *Respeita* a presença marcante do discurso feminista por meio do empoderamento feminino e, também, da denúncia que alerta para a violência contra as mulheres. Contudo, os diálogos estabelecidos entre estas duas letras evidenciam outro ponto que desperta a nossa atenção quando falamos sobre violência contra a mulher no Brasil.

Ao serem utilizadas nas letras dessas músicas, algumas palavras assumem determinados sentidos que carregam em si aspectos relacionados ao contexto sócio-histórico nas quais elas foram produzidas. Isto se deve ao fato de que, como afirma Orlandi:

o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em, relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2013, p. 42-43).

As escolhas linguísticas presentes nas letras das músicas supracitadas, além de serem marcadas pelas ideologias dos sujeitos que as produziram, revelam uma realidade que está diretamente relacionada com o contexto histórico na qual elas foram produzidas. Neste caso, elas evidenciam alguns aspectos particulares que podem ser relacionados com a violência contra a mulher, mas que não anula as outras realidades nas quais podemos também observar a subjugação da mulher.

Vejamos os exemplos 12 e 13.

Exemplo 12: *Maria da Vila Matilde*

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho
Teu bloco de pule
Teu dado chumbado
Ponho água no bule
Passo e ofereço um cafezim

Exemplo 13: *Respeita*

Respeita, respeita, respeita as mina, porra!

Nos exemplos 12 e 13, podemos observar a ocorrência de alguns signos que fazem parte de uma linguagem informal e que carregam significados diretamente ligados a determinados contextos sócio-culturais. Será que a escolha dessas palavras aconteceu de maneira aleatória ou elas carregam em si algum significado que transcende a sua materialidade? Temos, por exemplo, *samago*¹⁰, *pule*¹¹ e *mina*¹², que são signos que podem fazer parte do repertório linguístico de pessoas marginalizadas, que vivem à margem da sociedade, e também de pessoas jovens. A partir do que já foi discutido até este momento, podemos dizer que tais escolhas linguísticas não foram casuais. A ocorrência destes signos nas letras destas músicas nos revela alguns dos aspectos sociais que envolvem os casos de violência que, como vimos anteriormente, vitima um número considerável de mulheres no país. Vejamos o resultado de uma pesquisa realizada em 2013, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Na pesquisa *Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil*, que investigou o número de óbitos registrados de mulheres que foram vítimas de violência, sobretudo doméstica, no Brasil, temos os seguintes números que, para mantermos a veracidade, foram transcritos *ipsis litteris*:

Mulheres jovens foram as principais vítimas: 31% estavam na faixa etária de 20 a 29 anos e 23% de 30 a 39 anos. Mais da metade dos óbitos (54%) foram de mulheres de 20 a 39 anos.

No Brasil, 61% dos óbitos foram de mulheres negras (61%), que foram as principais vítimas em todas as regiões, à exceção da Sul. Merece destaque a elevada proporção de óbitos de mulheres negras nas regiões Nordeste (87%), Norte (83%) e Centro-Oeste (68%).

¹⁰ Soldado, recruta ou civil que está servindo ao exército.

Fonte: Dicionário InFormal

Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/>>

Acessado em 30/10/2017.

¹¹ Bilhetes de apostas.

Fonte: Priberam Dicionário.

Disponível em < <http://www.priberam.pt/dlpo/>>

Acessado em 30/11/2017.

¹² Garota, menina, mulher

Fonte: Dicionário InFormal

Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/>>

Acessado em 30/10/2017.

A maior parte das vítimas tinham baixa escolaridade, 48% daquelas com 15 ou mais anos de idade tinham até 8 anos de estudo.

Como podemos observar nos números apresentados nesta pesquisa, mulheres jovens, negras e pobres são justamente as maiores vítimas da violência no país. E, como podemos perceber, não só pelas escolhas linguísticas presentes em ambas as letras analisadas (*samago, pule, esculacho, mina, sacando, porra*), mas também pelo modo com o qual algumas palavras são pronunciadas (*cadê, cafezim, cê, tô*) e pela própria história que circunda a composição das letras (no caso de *Respeita*, no qual Cañas afirma ter se inspirado em um documentário sobre *hip hop* – movimento predominantemente negro – e no caso de *Maria da Vila Matilde*, cuja inspiração para composição foi a própria vida de Elza Soares, que é negra, de origem pobre e da favela), são precisamente estes aspectos sociais que são revelados pelo discurso presente nas letras das duas músicas.

Assim, embora ambas as letras dialoguem quanto aos seus sentidos do seu discurso, tratem dos mesmos temas e carreguem as mesmas inquietações, percebemos duas realidades, dois contextos sociais bem definidos. Por um lado, temos na letra da música *Respeita* a representação de uma realidade mais generalizada, que pelas escolhas linguísticas pode ser associada a um discurso produzido por um sujeito que apresenta uma linguagem mais elitizada e tem um nível de escolaridade possivelmente elevado. Por outro lado, na letra de *Maria de Vila Matilde*, temos uma realidade mais específica: percebemos a representação da realidade de um sujeito de origem pobre, que provavelmente vive em um contexto sócio-cultural mais simples, cuja linguagem evidencia suas batalhas e suas lutas diárias, que visam garantir a própria existência. Neste segundo caso, temos a confirmação dos dados apresentados pela pesquisa do Ipea, mencionada anteriormente, pois a mulher presente na letras desta música é a representação de todas as mulheres negras e, sobretudo, pobres que estão à margem da sociedade, desamparadas pela justiça, e são vítimas de abuso e agressões por parte dos seus próprios companheiros ou pessoas próximas em um ambiente que deveria ser sinônimo de segurança, o ambiente doméstico.

Neste sentido, uma vez que analisamos dialogicamente o discurso feminista e suas representações no nosso *corpus*, exploramos a denúncia sobre a violência que é feita nas letras das músicas supracitadas e identificamos alguns dos aspectos sociais que estão diretamente relacionados com os casos de violência no país, apresentamos no próximo capítulo as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, pudemos entender que o discurso, além de se categorizar como um importante meio de comunicação, é um meio pelo qual um determinado grupo reproduz e legitima as suas ideologias. Ainda, compreendemos que o discurso está inscrito na linguagem e, portanto, na história, sendo sempre produto da interação entre sujeitos em determinados contextos sociais e culturais. Além disso, vimos que nenhum discurso é original, novo ou único, pois, como afirma Bakhtin (2000), ele é constituído por diversas outras vozes e dialoga não somente com os discursos que o precederam, mas também com todos os outros que o seguirão na cadeia de comunicação. Estas relações dialógicas entre os discursos, por sua vez, acontecem no campo dos sentidos e tanto podem ser consonantes, quanto conflituosas.

Além disso, vimos que o discurso pode ser materializado em diversas expressões da linguagem, que vão desde simples falas cotidianas até imagens e textos complexos. E uma dessas expressões linguísticas nas quais o discurso se materializa são as letras das músicas, que, por muito tempo, foram prerrogativas masculinas e se constituíam como um instrumento poderoso na reprodução de ideologias machistas, que subjuga, objetifica e explora a imagem da mulher. Contudo, como pudemos perceber, esta realidade está sendo transformada e o universo da música está sendo uma das principais ferramentas na reprodução dos princípios feministas e na denúncia contra a violência que tem vitimado um elevado número de mulheres no Brasil. E, ainda que isso não signifique que a objetificação e exploração da mulher não somente nas letras das músicas tenha chegado ao fim, o fato de, mesmo que aos poucos, a mulher está adentrando em um espaço que até pouco tempo não lhe era permitido já pode ser visto como uma grande vitória.

Desta maneira, a hipótese de que o discurso feminista presente nas letras das músicas *Respeita* e *Maria da Vila Matilde* se manifestava em forma de empoderamento feminino e da resistência aos valores reconhecidamente machistas da sociedade, evidenciando a violência, sobretudo a física, que vitima as mulheres brasileiras em sua maioria, foi confirmada a partir da análise dialógica do discurso presente nas letras das duas músicas, o que, por sua vez, nos permitiu verificar que ambas as letras, ainda que a partir de diferentes perspectivas históricas e sociais, são tomadas pelo discurso feminista, que, como vimos, busca modificar as formas tradicionais de organização social e propõe uma sociedade que se fundamente na igualdade, igualdade e, principalmente, na justiça social.

Assim, confirmamos que o discurso presente em ambas as letras, além de promover o empoderamento feminino e representar a mulher (de todas as etnias, contextos e classes

sociais, idades e com diferentes histórias), se constitui como um manifesto em forma de denúncia contra a violência e o feminicídio. Vimos que ambas as letras representam uma realidade que faz parte da vida cotidiana de um número significativo de mulheres: a realidade do abuso, da violência, sobretudo a física, que parte, principalmente, de uma figura masculina, que por muitas vezes não é um desconhecido, mas alguém que faz parte do cotidiano destas mulheres.

Além de verificarmos um diálogo entre as letras das músicas analisadas, percebemos que este diálogo vai além e representa uma realidade maior, não aleatória e que, apesar de todos os esforços, ainda estampa os noticiários de todo o país e oferece números alarmantes de mulheres vítimas de diversos tipos de agressão – físicas ou emocionais. Além disso, o discurso presente nas letras analisadas nos ofereceu uma visão bastante precisa dos aspectos sociais que estão relacionados à violência contra a mulher: embora esta violência vitime mulheres de todas as classes e contextos sociais, chegamos à conclusão de que mulheres jovens, negras e, sobretudo, pobres são as maiores vítimas de agressão.

Portanto, o dialogismo verificado nas letras dessas duas músicas revela que, apesar das diferenças, um grande número de mulheres carrega as mesmas feridas e luta por um mesmo objetivo. Muitas mulheres, mesmo aquelas que não se consideram feministas, buscam respeito, auto-afirmação, e lutam diariamente pelo fim da violência que as vitima. Violência que é legitimada pelo discurso machista, que é reproduzido diariamente na nossa sociedade e que insiste em oprimir a mulher, colocando-as em um estado de constante medo e negando-lhes até mesmo o direito de ir e vir.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA ESTADO. *Homem ejacula em jovem dentro de ônibus na Avenida Paulista*. 2017. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/08/29/interna_nacional,896138/homem-ejacula-em-jovem-dentro-de-onibus-na-avenida-paulista.shtml> Acessado em 29/10/2017.
- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovic. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-327
- _____. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993. Translation and notes by Vadim Liapunov.
- BLACKING, John. Música, Cultura e Experiência. Tradução de André-Kess de Moraes Schouten. *Cadernos de campo*, São Paulo, nº16, 2007, p. 201-218
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CRUZ, Adriana. *Números escancaram cada vez mais violência contra mulher no país*. 2017. Disponível em <<http://justicaecidadania.odia.ig.com.br/2017-10-28/numeros-escancaram-cada-vez-mais-violencia-contra-mulher-no-pais.html>> Acessado em 29/10/2017.
- FANTÁSTICO. *Impunidade é regra em casos de abuso sexual, revela levantamento*. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/09/impunidade-e-regra-no-brasil-em-casos-de-abuso-sexual-mostra-estudo.html>> Acessado em 08/09/2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 161-193
- GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de; SILVA, Gabriela Drummond Marques da; HÖFELMANN, Doroteia Aparecida. *Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, DF. 2013.
- LIMA, Chirlei Dutra; SANCHES, Nanci Patrícia Lima. A construção do eu feminino na música popular brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, v. 21, n. 1. Universidade Federal de Uberlândia, jan-jul, 2009, p. 181-205

MARTINELLI, Andréa. *Elza Soares fala sobre feminismo, o amor por Garrincha e como cantar ainda é 'remédio bom'*. 2015.

Disponível em < http://www.huffpostbrasil.com/2015/11/06/elza-soares-fala-sobre-feminismo-o-amor-por-garrincha-e-como-ca_a_21692598/>

Acessado em 04/11/2017.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

MIRANDA, Cynthia Mara. *Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil*. NIEM - Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher e Gênero. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2009.

Disponível em

<http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/os%20movimentos%20feministas_cynthia.pdf>

Acessado em 30/09/2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. São Paulo: Pontes, 2006.

_____. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 11. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2013.

ORTEGA, Flávia Teixeira. *Femicídio*. 2016.

Disponível em <<https://draflaviaortega.jusbrasil.com.br/artigos/337322133/femicidio-art-121-2-vi-do-cp>>

Acessado em 29/10/2017.

PINTO, Joseane Silva; PINTO, Rosecler Silva. A Análise do Discurso Aplicada na Letra da Música “Até Quando?” de Gabriel O Pensador. *Revista Eventos Pedagógicos*, v.3, n.1, Número Especial, Abr. 2012. p. 210 – 218

RIBEIRO, Djamila. *O que é o empoderamento feminino?*. 2017.

Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/revista/971/o-que-e-o-empoderamento-feminino>>

Acessado em 30/10/2017.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes, 2011. p. 9 – 99

ANEXOS

ANEXO A – LETRA DE MARIA DA VILA MATILDE

Interprete: Elza Soares
Composição: Douglas Germano

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar
Eu solto o cachorro e apontando pra você
Eu grito: péguix
Eu quero ver você pular
Você correr na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho
Teu bloco de pule
Teu dado chumbado
Ponho água no bule
Passo e ofereço um cafezim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
Eu capricho no esculacho
Digo que é mimado
Que é cheio de denço
Mal acostumado
Tem nada no quengo
Deita, vira e dorme rapidim
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim?
Pra cima de muá? Jamé, mané!
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Disponível em <<https://genius.com/Elza-soares-maria-da-vila-matilde-lyrics>>
Acessado em 30/10/2017.

ANEXO B, LETRA DE RESPEITA

Interprete: Ana Cañas

Composição: Ana Cañas

Você que pensa que pode dizer o que quiser
Respeita, aí!
Eu sou mulher
Quando a palavra desacata, mata, dói
Fala toda errada que nada constrói
Constrangimento, em detrimento de todo discernimento quando ela diz não
Mas eu tô vendo, eu tô sabendo, eu tô sacando o movimento
É covardia no momento quando ele levanta a mão

Ela vai
Ela vem
Meu corpo, minha lei
Tô por aí, mas não tô a toa
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!

Diversão é um conceito diferente
Onde todas as partes envolvidas consentem
O silêncio é um grito de socorro escondido
Pela alma, pelo corpo, pelo o que nunca foi dito
Ninguém viu, ninguém vê, ninguém quer saber
A dor é sua, a culpa não é sua
Mas ninguém vai te dizer
E o cinismo obtuso daquele cara confuso
Mas eu vou esclarecer
Abuso

Ela vai
Ela vem
Meu corpo, minha lei
Tô por aí, mas não tô a toa
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!

Violência por todo mundo
A todo minuto
Por todas nós
Por essa voz que só quer paz
Por todo luto nunca é demais
Desrespeitada, ignorada, assediada, explorada
Mutilada, destrutada, reprimida, explorada
Mas a luz não se apaga

Digo o que sinto
Ninguém me cala

Ela vai
Ela vem
Meu corpo, minha lei
Tô por aí, mas não tô a toa
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!

Disponível em < <https://genius.com/Ana-canas-respeita-lyrics> >
Acessado em 30/10/2017.